

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**O MUNDO DE ANA EM MEIO AO COLORIDO DAS ARTES: UMA
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

ANA BEATRIZ GONÇALVES DA SILVA

GOIÁS

2025



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia - Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho apresentado em evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

documento entregue;

- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás, 16/12/2025.

Local

Data

(Assinado Eletronicamente)

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Documento assinado eletronicamente por:

■ Ana Beatriz Gonçalves da Silva, 20221100080019 - Discente, em 16/12/2025 16:48:46.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 16/12/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 730385

Código de Autenticação: 7c02c581b8



ANA BEATRIZ GONÇALVES DA SILVA

**O MUNDO DE ANA EM MEIO AO COLORIDO DAS ARTES: UMA
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás, como requisito para a obtenção da Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador/a: Prof. Doutora Ana Rita da Silva

GOIÁS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

306.85

700.981

S586m Silva, Ana Beatriz Gonçalves da.

O mundo de Ana em meio ao colorido das artes: uma narrativa autobiográfica / Ana Beatriz Gonçalves da Silva; orientadora, Ana Rita da Silva – Cidade de Goiás, 2025.

44f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

1. Processo de criação. 2. Pessoa com deficiência. 3. Pesquisa narrativa. 4. Artes visuais. I. Silva, Ana Rita da, orientadora. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

Folha de Aprovação

ANA BEATRIZ GONÇALVES DA SILVA

O mundo de Ana em meio ao colorido das artes: uma narrativa autobiográfica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Monografia defendida e aprovada, em 10 de dezembro de 2025, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Rita da Silva

Presidente da banca / Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Felipe Matheus Pires da Conceição

Membro Interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. M.a Renata Tavares de Brito Faletti

Membro Interno
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Me. Haroldo Nélio Peres Campelo Filho
Membro Interno Suplente
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

GOIÁS – GO
2025

Documento assinado eletronicamente por:

- Felipe Matheus Pires da Conceicao, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 11/12/2025 21:19:02.
- Renata Tavares de Brito Falleti, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/12/2025 17:06:24.
- Haroldo Nélío Peres Campelo Filho, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 11/12/2025 15:56:00.
- Ana Rita da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/12/2025 15:54:38.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 09/12/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 726552
Código de Autenticação: ac386ae41d



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, S/N, Centro, GOIÁS / GO, CEP 76600-000
(62) 3442-0212 (ramal: 0212)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe que sempre está comigo, e ao papai, que não está mais aqui, mas onde ele estiver sei que está bem e está vendo esse acontecimento.

Dedico às minhas orientadoras educacionais, Maria das Dores e Marcela Gabriela e a orientadora deste trabalho, Profa. Ana Rita.

Dedico ao meu melhor amigo, Luís Fernando Nunes.

E também dedico aos meus três irmãos, João Pedro, Priscila e Daniel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao corpo docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação de Goiás.

Agradeço a minha professora da Escola de Belas Artes, Edinária, porque sem ela isso não seria possível.

Agradeço a minha mãe por tudo, porque se eu for falar especificamente dos motivos, não cabe aqui. (Risos)

Agradeço aos meus irmãos que me aguentaram, porque eu sei que não é fácil, nem para mim e nem para eles, mas a gente está aqui!

Também agradeço a todas as minhas colegas e meus colegas de curso que estiveram comigo até esse momento. Agradeço a toda a turma, mas quero deixar agradecimentos especiais a Rayane, Juliana, Willyandria e Viviane porque ficaram comigo o tempo todo e não me deixaram em nenhum momento sozinha.

RESUMO

O presente texto foi gerado a partir de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação de Goiás. A proposta central foi desenvolver uma pesquisa qualitativa por meio da Narrativa Autobiográfica, visando explorar minha trajetória pessoal e formativa para discutir sobre a inserção das pessoas com deficiência nos processos de criação e educação. A investigação teve como objetivo registrar e refletir sobre minhas experiências de vida enquanto pessoa com deficiência, utilizando-as como fonte de conhecimento e de construção de sentido para sua formação acadêmica e profissional. A escolha metodológica pela Pesquisa Narrativa encontra respaldo teórico em autores como Clandinin & Connelly (2000) e Josso (2004), que abordam a experiência de vida como pilar para a formação e a investigação. O referencial teórico mobiliza conceitos fundamentais da Arte/Educação de Duarte Jr. (1994) e de processos de criação artística de acordo com Ostrower (2014) e Salles (2004), buscando articular vivências pessoais e apropriação de saberes. O trabalho reforça o valor do estudo e da arte como elementos transformadores e permanentes na constituição do sujeito.

Palavras-chave: Artes Visuais. Processo de Criação. Pessoa Com Deficiência. Pesquisa Narrativa.

ABSTRACT

The present text originated from an Undergraduate Thesis (TCC) in the Visual Arts Bachelor's program at the Federal Institute of Goiás. The central aim is to develop a qualitative research based on an Autobiographical Narrative, seeking to explore my personal and formative trajectory to discuss the inclusion of people with disabilities in processes of creation and education. The investigation's objective was to document and reflect upon my life experiences as a person with a disability, using them as a source of knowledge and meaning-making for academic and professional development. The methodological choice of Narrative Research is theoretically grounded in authors such as Clandinin & Connelly (2000) and Josso (2004), who consider life experience as a pillar for both development and research. The theoretical framework mobilizes fundamental concepts of Art/Education (Duarte Jr., 1994) and artistic creation processes (Ostrower, 2014; Salles, 2004), seeking to connect personal experiences with the appropriation of knowledge. This work reinforces the value of study and art as transformative and permanent elements in the constitution of the subject.

Key-words: Visual Arts. Creation Process. Person with a Disability. Narrative Research.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01: Autorretrato de Ana Beatriz. Desenho
- Figura 02: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 03: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 04: Foto de Ana Beatriz
- Figura 05: foto de Ana Beatriz com o irmão gêmeo
- Figura 06: Foto de Ana Beatriz no colchaozinho
- Figura 07: Foto de Ana Beatriz com botinhas ortopédicas
- Figura 08: Foto do batizado
- Figura 09: Foto do tempo da escola
- Figura 10: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 11: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 12: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 13: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura14: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 15: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 16: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 17: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 18: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista
- Figura 19: Exposição O mundo de Ana
- Figura 20: Exposição O Mundo de Ana
- Figura 21: Beleza Pura, 2006, Beatriz Milhazes
- Figura 22: O lago, 1928, Tarsila do Amaral
- Figura 23: Autorretrato com colar de espinhos, Frida Kahlo
- Figura 24: Rosas. Goreth Chagas, com a boca e com o pé
- Figura 25: desenho de Ana Beatriz. Técnica mista

Sumário

Introdução	13
CAPÍTULO I: Meus Autorretratos: Quem Sou Eu?	17
CAPÍTULO II: O Mundo De Ana: Uma Poética Do Indizível	26
CAPÍTULO III: Minhas Referências: Pessoas Que Apoiam Minhas Reflexões.....	36
Minhas palavras finais.....	44
Referências Bibliográficas.....	45

*A noite não adormece nos olhos das mulheres
a noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.*

*a noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

[...]

*a noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.*

"A Noite não Adormece nos Olhos das Mulheres", de Conceição Evaristo.

1. INTRODUÇÃO

A ideia de falar dos meus desenhos surgiu da vontade de falar do meu cotidiano como artista. Quero que conheçam através dos meus desenhos. Acredito que meus desenhos possam ser suporte para muitos, penso que eles podem contribuir como processo educativo, principalmente com professores, porque pode ajudar a lidar com pessoas com deficiência para motivar suas criações.

Quero fazer uma discussão sobre como todas as pessoas são capazes de criar, desde que para isso elas tenham oportunidade.

Josso (2004), Clandinin e Connelly (2000), falam sobre a pesquisa narrativa é importante para dar reconhecimento às histórias de vida, e eu fiz uma pesquisa narrativa para compartilhar a minha história.

No meu espaço de criação é onde meus sonhos acontecem, minhas criações acontecem, eu já sonhei em ser uma princesa, e a vida me transformou em uma guerreira, mas quando estou desenhando eu esqueço do mundo. Nesse lugar aqui eu posso chorar que ninguém pergunta, ninguém faz julgamento, aqui eu posso rir, aqui eu tenho meu momento de ficar sozinha para as criações acontecerem. Inclusive nesse momento de dificuldade que estou passando eu faço desenhos, acho que no desenho fica mais bonito esse momento que eu estou vivendo, ou mesmo que não fique tão bonito eu sou artista, eu tenho que deixar as pessoas verem (risos).

Às vezes eu não tenho força para desenhar, às vezes eu não tenho ânimo para desenhar, mas é só pegar no papel que a criação acontece, o lugar que eu considero importante para mim, eu não gosto de ser interrompida quando estou no meu processo de criação, porque quando eu estou no meu processo de criação sempre vem alguém e me interrompe. Mas quando estou criando, nem por isso eu deixo de atender aqueles que eu amo e fazem parte das minhas criações.

Quero dizer com este trabalho que você pode sonhar sim, apesar da sua deficiência ou se você não tem deficiência nenhuma, você pode sonhar como eu sonho em ser uma princesa, a gente vai vencer essa batalha que estamos travando. Nunca deixe de sonhar independente da sua dificuldade e nunca deixe de criar as suas obras.

Eu acredito que falta mais reconhecimento dos trabalhos que as pessoas com deficiência desenvolvem, (então defendo a importância de)¹ reconhecer o trabalho de pessoas com deficiências físicas ou de qualquer tipo.

Eu creio que essas pessoas podem usar a arte como forma de terapia ou de descanso, soltar aquilo que está preso dentro delas, que não conseguem falar com palavras, ou estão querendo dizer, mas não conseguem falar com palavras (então se expressam por meio da arte).

Uma das minhas tarefas nesta pesquisa é mostrar que a pessoa com deficiência tem tanta importância quanto aqueles que não têm. As pessoas estão acostumadas a ver só trabalho de artistas que não têm deficiência, e quando veem um artista que tem deficiência as pessoas ficam até chocadas (como se isso fosse uma exceção, como se essas pessoas não fossem capazes de criar).

(Nessa perspectiva, o trabalho tem como questão central: Como meus processos de criação podem ser visibilizados a partir de uma pesquisa narrativa autobiográfica? Essa pesquisa seria um dispositivo de expressão e comunicação de meus processos de criação artística, a partir de minhas singularidades?)

Duarte Junior (1994) fala que a cultura tem um jeito diferente em cada país e em cada lugar. Eu acredito que toda cultura tem a sua arte, independente do jeito que for, porque o autor diz que a arte é diferente em cada lugar. Assim também, cada pessoa tem uma forma diferente de fazer arte, e quando vemos uma pessoa que faz uma arte que não é igual a nossa, achamos estranho por ser diferente do que estamos acostumados.

A arte também é uma forma de protesto, eu acredito que a arte pode ajudar na causa que estão protestando, chamar atenção de alguém para aquilo que estão querendo falar, se não conseguem falar com palavras. (Eu, por exemplo), como eu fiz naquela *performance*, eu não conseguia colocar para fora tudo que eu estava sentindo, mas com a *performance* eu consegui expressar o que estava sentindo. (A autora se refere a uma performance que apresentou para os colegas da Licenciatura em Artes Visuais).

¹ Optei por trazer complementos e explicações entre parênteses, quando estes se tornaram necessários para melhor compreensão do pensamento da autora. Algumas vezes acrescento também parênteses sobre as expressões emocionais da autora, por entender que sua linguagem está além da verbalização, ou seja, quando a palavra falha, as expressões emocionais, dentro do contexto de fala, apoiam sua comunicação, que ocorreu de forma oral utilizando-se de uma ferramenta de transcrição de texto, no caso, o aplicativo Whatsapp. Sabendo-se das características de sua comunicação verbal, muitas vezes o texto é transcrito de forma repetida e fragmentada, e, por essa razão, houve necessidade de trabalhar no texto final de modo que pudesse cumprir o papel de comunicar as ideias da autora. Com estas explicações, ressalto que meu esforço, enquanto orientadora, foi no sentido de preservar ao máximo a autenticidade das ideias da autora do trabalho.

Entendo que a arte pode ser como uma forma de esperança, uma forma de renovação, assim como fala Duarte Junior (1994) sobre os homens das cavernas, eles acreditavam que através do desenho sua tão sonhada conquista (no caso a caça) poderia ser conseguida pela magia da arte. Acho que arte tem esse poder, eu creio que sim, porque por mais que a gente esteja triste, como eu amanheci um pouco triste hoje, eu acredito que se estou aqui na faculdade, ou estou desenhando, amanhã posso ter esperança de um dia melhor.

Duarte Junior (1994) diz que a linguagem falada é uma forma de comunicação que os povos mais antigos criaram para poder se comunicar com a população daquela época. Eu acredito que a linguagem escrita também pode comunicar nossos sentimentos através de uma carta ou uma simples frase, ou um simples ‘bom dia’. Mas a linguagem é limitada para expressar sentimentos, porque o sentimento não é traduzido em linguagem e sim sentido, (é incomunicável) em palavras.

Ostrower (2014) diz que criar é dar forma, e todos nós criamos quando caminhamos pelas ruas, quando olhamos para as coisas, e quando fazemos arte. Salles (2004) fala que a criação do artista é um projeto de vida que não se acaba, que não se acaba quando a obra termina. O artista está criando o tempo todo.

O meu processo de criação nasce através disso, é onde eu encontro forças para viver. Quero também dialogar com outros artistas (que se aproximam do meu processo de criação) por meio de suas obras. São artistas (com deficiência) que me inspiram, e com quem me identifico. Para isso pretendo fazer uma pesquisa (sobre os seus trabalhos) e ampliar meus conhecimentos sobre suas obras.

Conforme Clandinin e Connelly (2000, *apud* Martins e Tourinho, 2017), a pesquisa narrativa se fundamenta na compreensão de que os seres humanos dão sentido às suas vidas por meio de histórias e o relato autobiográfico é uma forma de produção de conhecimento. Para os autores, as experiências vividas, (quando narradas de forma reflexiva, tornam-se fonte de compreensão tanto para o pesquisador quanto para os leitores, ampliando os horizontes da investigação educacional).

Entendi que a pesquisa narrativa busca compreender a experiência humana a partir da trajetória de vida do pesquisador, (permitindo a articulação entre vivências pessoais e contextos sociais, históricos e culturais). Segundo Josso (2004), a narrativa autobiográfica possibilita ao sujeito revisitar sua história, refletindo criticamente sobre os sentidos das suas experiências e reconhecendo as aprendizagens (que atravessam sua trajetória).

De acordo com Duarte Júnior (1994) a linguagem é uma forma de expressão, mas a arte é uma de expressão daquilo que a linguagem não consegue dizer, falando ou escrevendo, porque tem coisas que a gente escreve ou que a gente quer falar, mas só a arte mesmo pode dizer, a arte fala por você.

Nos meus desenhos, eu consigo falar aquilo que não consigo falar por palavras, porque quando estou desenhando, podem esquecer de mim que eu estou fora do meu corpo, eu estou aqui, mas estou em outro lugar, só eu e os meus desenhos, e eu consigo expressar o que não quero ou não consigo dizer com palavras, porque está me machucando. Se eu dizer com palavras pode machucar o outro, então eu prefiro ficar no meu momento de meditação, eu chamo de ‘momento de desenho’ que eu tenho comigo mesma, e de ‘momento de meditação’, porque estou desenhando e estou meditando, para não perder o foco do que eu tenho que fazer.

Sparks e Smith (2008, apud Martins e Tourinho, 2013), trazem o argumento de vários autores sobre a pesquisa narrativa. Assim, a pesquisa narrativa é vista como uma forma de ação social, e, ao mesmo tempo, é importante para dar sentido às nossas vidas, podendo ser efetivas para a transformação social e individual das pessoas. Argumentam, ainda, que narrativas podem reavivar e reconstruir memórias a partir das escolhas que são feitas sobre a nossa própria história no ato de narrar. Quando narramos, ressignificamos nossas vidas a partir de um processo de recortes e seleções sobre aquilo que queremos ou não dizer, remodelando nossas vidas para apresentá-la aos outros.

A narrativa é uma forma de ação social porque ela pode provocar mudanças na pessoa que está escrevendo e na pessoa que vai ler aquele trabalho. A narrativa pode partir das nossas vidas, porque a gente quando está escrevendo a gente pode respirar e sentir que está em outro lugar, outro universo, outro mundo, conversando com outras pessoas, quando a gente está escrevendo não precisa necessariamente da gente estar perto daquela pessoa.

Quando a gente está contando uma história podemos contar aquela história de um jeito, mas podemos mudar a história, porque tem coisas que você não quer contar e a pessoa tem que respeitar isso. Depende da história que você conta, você tem uma memória e você pode construir outras, porque a gente pode contar uma história e ela pode trazer lembranças que podem mudar quando a gente conta essa história.

Acredito que minha narrativa pode despertar várias emoções em mim, seja tristeza ou seja alegria, mas no momento eu estou procurando que desperte alegria, porque eu também estou aberta para novos projetos artísticos, a novas ideias que estão chegando.

CAPÍTULO I

MEUS AUTORRETRATOS: QUEM SOU EU?

Esse é um autorretrato que fiz quando tinha meu cabelo longo. Eu gosto do meu cabelo longo. Desenhei de pé porque eu me considero desse jeito. Imagino que estou de pé, em todos os meus sonhos eu estou de pé, sei que não estou, mas no sonho imagino assim. Mas gosto de mim do jeito que eu sou.

Fig. 1: Autorretrato de Ana Beatriz. Desenho Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.

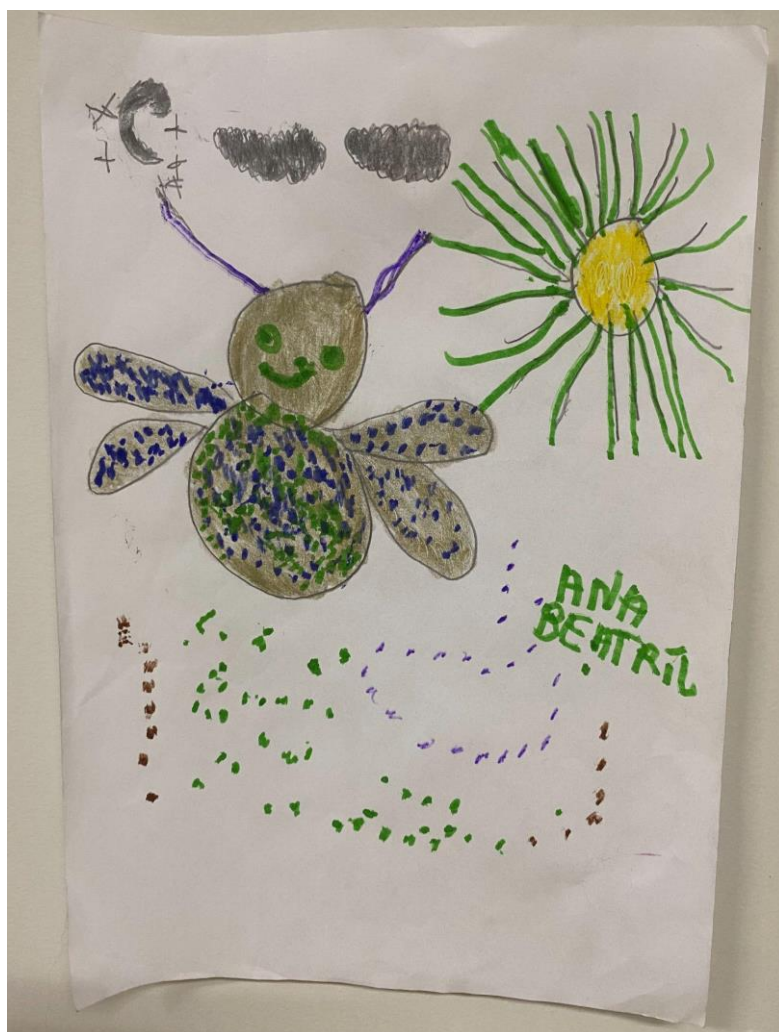


Fonte: Acervo da autora. 2025

Eu me considero uma pessoa alegre, porém às vezes, pelas circunstâncias, tem coisas que me deixam triste, mas eu me considero uma pessoa alegre, gosto de brincar com as pessoas e sou muito sentimental. Neste autorretrato, estou pensando em novas possibilidades que virão de novos eventos futuros.

A borboleta aparece porque considero que é a minha marca, através da borboleta eu imagino que estou em outro mundo, estou voando, quando estou desenhando. Eu fiz (representei) o olho um pouco grande porque a minha família sempre diz que eu tenho olhos grandes e meus olhos são muito bonitos.

Fig. 02: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Eu me identifico com a borboleta porque eu vivo passando por essas metamorfoses constantemente na minha vida, desde que eu nasci até chegar aqui. Desde o útero foi muita luta, mas também teve vitória e alegria.

A borboleta significa outros possíveis futuros e oportunidades, para uma pessoa com limitações, porque eu tenho limitações, mas como meu pai dizia, limitações não impedem de chegar onde você quer ir, não impede de chegar onde eu quero, eu sei que tem umas partes que vamos ter que aprender a conviver com elas.

Fig. 03: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Nessa arte eu represento o tempo. A gente segue a vida de acordo com o tempo, e eu estou seguindo a minha vida agora de acordo com o tempo, mas o tempo é cansaço!!! (risos). Na minha cabeça aqui eu tenho uma imagem, eu tenho uma imaginação do tempo, não porque o tempo pode voltar para trás, ele não volta para trás, ele segue, mas a gente não sabe onde o tempo vai nos levar.

São os mistérios do tempo! O tempo é só um, a vida que a gente tem é só uma, se acabar acabou, então viva por hoje e esqueça o amanhã! (risos). Mas sei que o meu tempo ele segue para frente e pode ter oportunidades também de coisas que eu não descobri ainda, mas quero descobrir.

Quando nasci, mamãe falava que eu tive que dividir a barriga com meu irmão, mas quando a gente nasceu a gente teve problemas, a mamãe teve problemas na gestação e a gente teve que ir diretamente para Brasília para o hospital Sara Kubitschek. A gente nasceu de sete meses com falta de oxigenação no cérebro, só que meu irmão teve a sorte de sair do hospital primeiro que eu, ainda fiquei um pouquinho a mais (muitos risos).

Meu nome ia ser Daniela, para ficar Daniel e Daniela, os gêmeos, o meu pai queria Daniela, mas foi minha mãe que acabou escolhendo Ana Beatriz porque não queria nome parecido um com outro (risos). Meu irmão sim é Daniel.

Fig. 04: Foto de Ana Beatriz, quando bebê.



Fonte: Acervo da autora.

Quando a gente nasceu o médico falou para o meu pai assim: Sebastião, você vai querer salvar as crianças ou a mãe? Meu pai falou ‘pelo amor de Deus, quero os três!’ Então meu irmão nasceu às 3h00 da manhã e às 3h45 eu dei a graça nesse mundo! (risos).

Depois a mamãe foi levar os bebês para fazerem a consulta de rotina. Com nove meses o doutor fez o teste e falou: Seus filhos não vão andar, eles têm deficiência física porque eles nasceram com pouco oxigênio no cérebro. Então a gente fez a primeira cirurgia quando ainda era bem pequeno. Eu fiz oito cirurgias e nessas oito, todas eu sofria, mas minha mãe sofria mais porque não sabia se a gente entrava na cirurgia vivo e saía vivo. Mas para quebrar as ilusões do médico eis-me aqui viva, inteira! (Risos).

Fig. 05: Foto de Ana Beatriz, com o irmão gêmeo.



Fonte: Acervo da autora.

Eu e meu irmão brincávamos muito juntos, somos muito ligados desde pequenos, mas eu era uma criança mais nervosa, mais chorona e estressada sempre batendo no coitado do meu irmão! (risos). Mas a gente se ajuda bastante principalmente nas tarefas de casa, mas eu ajudo mais porque tem coisas que é um pouco um pouco difícil para meu irmão fazer e tem coisas também que são um pouco difíceis pra eu fazer, eu nasci com um problema na minha mão.

Fig. 06: Foto de Ana Beatriz, no colchãozinho de brincar.



Fonte: Acervo da autora.

A gente brincava em cima de um colchãozinho, mas como o chão era sem piso a mamãe colocava uma calça comprida na gente para não raspar no chão e não machucar. Eu tinha um monte de bonecas, um saquinho cheio de bonecas que esparrama pelo quarto.

Mamãe foi levar a gente para o primeiro dia de fisioterapia, eu chorei muito, ‘não gosto desse negócio não, isso vai doer!’ Mas acabou que deu tudo certo, dói né, mas fazer o quê (risos).

Fig. 07: Foto de Ana Beatriz com botinhas ortopédicas.



Fonte: Acervo da autora.

Na verdade, tive que fazer fisioterapia desde que eu nasci até hoje. Eu estava aprendendo a fazer aquela terapia com cavalo (equoterapia) que a gente monta, eu estava aprendendo a andar sozinha já, mas aí eu tive que parar (por falta de condições materiais).

A gente não tinha muitos amigos quando éramos pequenos a gente não saía muito de casa e também as outras crianças às vezes ficavam com medo de brincar com a gente, medo da gente se machucar. Só tivemos um amigo, porque quando mamãe trabalhava ela arrumou uma moça para cuidar da gente e a gente brincava com os filhos dela. Mas na maior parte do tempo a gente ficava brincando horas e horas no computador e no videogame e assistindo televisão.

Eu gostava de desenho animado mas não era muito “chegada” na televisão, eu gostava mesmo era de brincar com as minhas bonecas e meu irmão brincava de carrinho. Eu brincava de carrinho também, era uma criança universal (risos).

Fig. 08: Foto do batizado.



Fonte: Acervo da autora.

Essa é a foto do meu batizado. Meu pai escolheu meus padrinhos, que são meus avós paternos, Marilene Ferraz da Silva e João Ferreira da Silva. Minha avó está comigo no colo, meu avô está do lado dela e do outro lado, são meus pais. Esse foi um grande dia para mim. Apesar que eu não me lembro (risos).

Meu primeiro dia de ir para a escola foi aquela “animação” (aspas indicam a ironia da afirmação), minha mãe teve que levantar bem cedo para fazer o café e depois arrumar ‘dois’ (refere-se aos gêmeos) para pegar o ônibus. Teve um dia que a gente foi pegar o ônibus e ele saiu andando (antes que Ana Beatriz e a mãe tivessem entrado), eu e minha mãe ficamos machucadas, todo mundo gritou com o motorista (risos).

Fig. 09: Fotografia do tempo da escola.



Fonte: Acervo da autora.

Essa fotografia acima foi feita por um rapaz que mexe com fotografia na escola. Ele chamou a gente e me arrumou desse jeito para tirar foto da pessoa assustada (risos). Eu achei que ficou até bonitinha, mas parece que estou um pouco assustada (risos), eu tinha quatro aninhos, eu acho. Entrei na escola com três anos (no Jardim) e como sempre

meus estudos eram sempre um pouco mais atrasados do que meu irmão porque eu tenho um pouquinho de dificuldades, mas naquele tempo eu tinha muito mais dificuldades.

A minha adaptação na escola sempre foi um processo assim meio difícil porque uma pessoa com deficiência, para quem não tem costume e prática é uma luta meio difícil, só que eu era uma pessoa muito estudiosa e bastante compreensiva, todas as pessoas que eu tive ao longo da minha vida escolar nunca reclamaram de mim. Só teve uma professora que reclamou e não quis ficar mais comigo, mas é porque ela não estava sabendo lidar comigo, com as minhas necessidades. Mas eu pegava bem o conteúdo com as professoras e também tinha uns jogos (pedagógicos) que eram para fazer comigo, como o jogo da memória que eu sempre ganhava. (Risos).

Eu gostava do dia que tinha aula de artes, o dia que a professora falava assim: hoje a gente vai fazer uma atividade diferente, vamos pintar! Mas quando estava no ensino médio e no ensino fundamental acho que a gente não pintava muito, eu não lembro de ter pintado ou desenhado.

CAPÍTULO II

O MUNDO DE ANA: UMA POÉTICA DO INDIZÍVEL

Eu como pessoa, enquanto artista, minhas obras partem de sentimentos experimentados ao decorrer da minha vida, coisas que eu vejo, que eu acho atrativo e atraente e coisas que eu já senti no passado e vou sentir no futuro, sejam coisas boas ou coisas ruins também, eu incorporo às minhas obras. Essas obras que eu faço eu não consigo dizer com palavras aquilo que eu estou sentindo, aí eu procuro transferir isso para os Desenhos. Eu estou aberta às novas possibilidades, a novos conhecimentos artísticos. Eu sou uma pessoa PCD com deficiência, mas isso não me impede fazer as coisas não, eu sou muito feliz com minha deficiência que eu tenho, apesar da dificuldade que é, dificuldade que eu enfrento todo dia, que é as minhas limitações, mesmo que às vezes eu fico triste e choro, sou feliz assim mesmo!

Ana Beatriz Gonçalves da Silva

Agora quero falar um pouco sobre a minha arte. Esse texto eu escrevi para a minha exposição no curso de Licenciatura em Artes Visuais². Conforme release da exposição, de autoria de Rayane Cesário, a mostra:

Oferece um olhar privilegiado para a "poética da indizível" de Ana Beatriz. Suas obras não são feitas de palavras, mas sim de linhas, cores e formas que traduzem os sentimentos que a artista recolhe ao longo de sua vida. Desse modo, "Mundo de Ana" é um convite para mergulhar em um universo visual onde a vida, em sua complexidade e beleza, é corajosamente exposta. É a afirmação de uma nova voz no cenário artístico, marcada pela sinceridade e pela busca incessante por traduzir a experiência humana. (Cesário, 2025)

Foi a primeira exposição que eu fiz, fiquei muito emocionada e tive que responder muitas perguntas (risos), perguntas das crianças que foram visitar a exposição, mas também dos meus colegas. Nessa exposição eu coloquei vários dos meus desenhos, mas

² A exposição teve a organização, montagem e curadoria feita por Rayane Cesário, estudante da Licenciatura em Artes Visuais que voluntariamente tomou a iniciativa de divulgar o trabalho de Ana Beatriz.

não todos, claro! Muitos desenhos que fiz na Belas Artes eu não coloquei, mas os que fiz na faculdade de artes, minhas colegas escolheram para mim.

Agora quero falar um pouco do meu trabalho artístico, vou mostrar os desenhos que estou fazendo durante o meu TCC.

Fig. 10: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Esse desenho aqui é um olho, mas isso aqui também tem a representação das minhas dores, da dor que eu estou sentindo hoje especificamente porque hoje vai fazer quatro meses que meu pai se foi. Toda vez que ele (o pai) ficava nervoso, o olho dele mudava de cor. Agora no momento está tudo seco aqui dentro, porque está tudo um pouco confuso, mas está se ajeitando com o tempo.

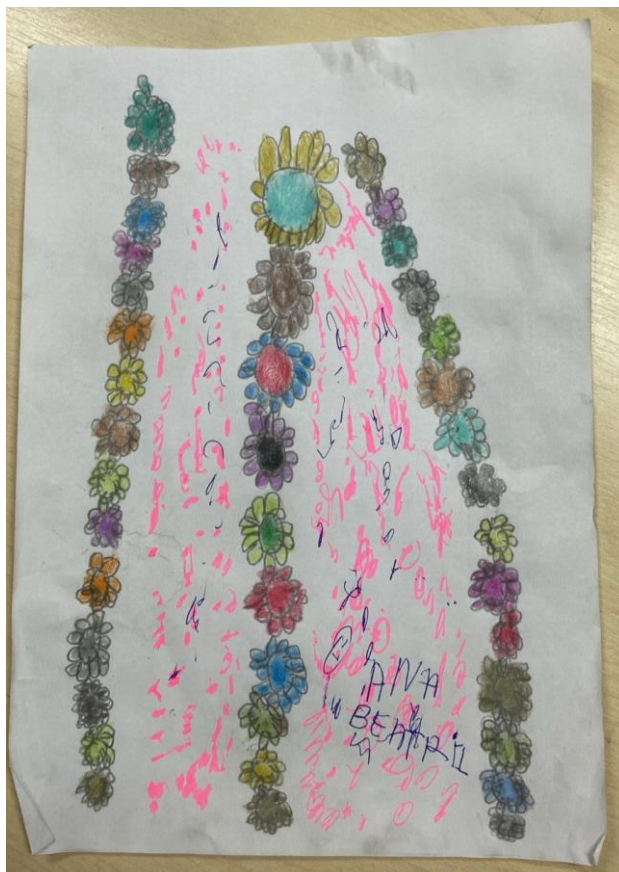
Fig. 11: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Escolhi o vermelho porque é uma mistura de sentimentos que tenho aqui dentro. Eu gosto de flores, mas nesse aqui, as flores que vão voltar vão brotar da mesma semente que está caindo e vão virar essa flor grande, como se tivesse saindo de debaixo da terra. Eu queria fazer uma junção do desenho com a colagem, eu estou tentando brincar com desenho, a pintura e a colagem para ver no que vai dar, e deu nisso. (Risos).

Fig. 12: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Aqui é mais um desenho que foi uma inspiração artística, porque eu fico procurando inspiração aqui dentro (indicando a cabeça), eu não preciso sair de casa para encontrar inspiração. Aqui é um caminho de flores que tem o caminho reto e o caminho torto, você pode escolher qual você quer seguir. Esse tom de rosa eu usei o marcador de texto, não foi planejado, fui simplesmente fazendo, fazendo até que eu cansei e fui descansar um pouquinho. No outro dia fui pintar de novo.

Fig. 13: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Esse é um girassol. Fiz um girassol porque eu gosto deles, acho o girassol uma flor muito bonita. Esse desenho não foi nada assim planejado, ele foi simplesmente acontecendo, tinha acabado de fazer tudo que eu faço em casa e estava assistindo televisão, falei assim, vou desenhar um pouquinho pra descansar meu cérebro da televisão e exercitar a arte do desenho. Um artista nunca pode esquecer de desenhar. (Risos).

Fig. 14: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Neste trabalho que eu fiz foi um retorno aos meus desenhos. (Ana Beatriz parou de desenhar durante a fase terminal da doença do pai). Esses olhos grandes eu quis dizer que meus olhos são grandes também, mas esses olhos estão chorando porque no dia que eu fiz, no dia anterior eu tinha acabado de perder a minha referência masculina (o pai). Então esse foi o primeiro desenho depois que voltei do enterro, porque depois que voltei a minha casa estava cheia e minhas tias queriam me colocar para descansar, mas não consegui dormir e todo mundo pensou que eu estava dormindo, mas só que não estava, eu estava desenhando.

Depois de um longo tempo eu fui tentando descansar, aí para não ficar andando e chorando muito eu resolvi por toda a minha dor, a minha tristeza, por causa do luto, no

papel, como eu sempre faço, eu tracei as minhas dores e as minhas alegrias, que não conto para ninguém, no papel. Mas eu queria que o desenho tivesse um pouco da alegria que o papai sempre transferia para nós e a gente transferia para ele, era essa troca de alegria até o dia da partida dele. Queria pintar de azul que representa o céu onde meu pai está descansando em paz juntamente com o irmão dele, porque eu acho que eles estão fazendo uma festa lá no céu porque os dois eram que nem ‘carne e unha’ (risos). O desenho é uma referência à minha mãe também, porque ela é uma guerreira, só que minha mãe está aqui comigo agora, presente.

Fig. 15: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Esse aqui eu considero um desenho que realmente só eu entendo (risos). Começa no gato, depois é um labirinto, um choque elétrico, até chegar no topo que é uma

borboleta. Ela está no topo porque a borboleta é toda trajetória que eu fiz até chegar aqui. A borboleta é a etapa final que eu cheguei, ou seja, a faculdade. Mas depois vem mais pela frente! Depois a gente vê! (Risos). O gato é uma (imagem) que eu uso para me referir a mim mesma, porque tem hora que em casa os meus irmãos falam que estou pior do que uma onça (risos).

Fig. 16: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Nesse desenho fiz uma flor, mas só que ao contrário, a flor está em cima e depois ela vira de cabeça para baixo. Acho que é imaginação mesmo, eu dormi numa noite e sonhei que as folhas estavam todas de cabeça para baixo. Não quer dizer que estão mortas porque estão caindo, mas quer dizer que pode ter outros frutos dessa grande flor que está aqui, depende de como você vê a sua flor na sua na sua cabeça, depende de como você vê a sua flor na sua imaginação. Isso é coisa de artista, todo mundo diz que artista é doido! (Risos).

Através dos meus desenhos, como esse aqui, eu enxergo o meu mundo de outra forma, o ‘Mundo de Ana’ que nasceu há uns anos atrás, mas só foi reconhecido agora, uma evolução que eu fiz aqui na faculdade, com a exposição e com o TCC. Foi aí que eu fui começar a me entender e colocar esse mundo para outras pessoas, com ou sem deficiência, se quiserem ver, podem ver.

Fig. 17: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Aqui é uma coisa que eu sonhei, mas não consigo entender o que é. Parece uma bola peluda que eu tenho na minha cama, só que lá no meu sonho ela aparece com a letra M e um monte de corações, mas não consegui identificar o porquê desse desenho.

Fig. 18: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Esse aqui é um coração, só que um coração ao contrário, ele começa magrinho e depois fica inchado e tem um sol iluminando, só que não é o meu coração. Esse coração é o coração da Maria e da Ana Rita (orientadora educacional e orientadora do TCC). Tem outra pessoa também, mas não posso dizer porque não estou autorizada a dizer. (Risos).

CAPÍTULO III

MINHAS REFERÊNCIAS: PESSOAS QUE APOIAM MINHAS REFLEXÕES

Somera (2008) diz que as pessoas com deficiência não tinham tantos direitos quanto tem agora. Eram mal vistas pela sociedade, mas isso depende de cada época. Na Antiguidade as pessoas com deficiência eram vistas como loucas ou como se tivessem alguma coisa no corpo, como se tivesse possuídas por algo ruim. Muito tempo depois começaram as pesquisas na medicina, mas não melhorou muito porque as pessoas com deficiência eram colocadas nos manicômios e ali eram isoladas de suas famílias.

Nos últimos anos tiveram muitas conquistas de direitos, eu compreendi que as pessoas estão lutando para que essas pessoas sejam respeitadas e possam também conviver com suas famílias e com outras pessoas da sociedade. Somera (2008) fez uma pesquisa sobre a produção artística de pessoas não só nas artes visuais, mas em outros campos. Ela pesquisou sobre grupos de artistas de várias linguagens que produzem arte, como deficientes visuais, pessoas surdas e também com outros tipos de deficiência física. Ela mostrou que esses grupos são muito importantes para valorizar e estimular esses artistas, porque assim eles não produzem sozinhos.

Eu também acho muito importante que a gente trabalhe em comunidade. O trabalho conjunto é uma coisa legal, prazerosa que a gente faz com outras pessoas que têm deficiência, porque a gente pode conversar, trocar experiências de desenho, trocar conhecimentos sobre artes. No IFG eu tive experiências de trabalhar em conjunto, como a exposição que eu fiz, vai agregar muito para a minha formação artística e como professora de arte. Todas as experiências que tive aqui, as viagens com a turma, as exposições que visitei, foram ricas de conhecimento que eu posso carregar para minha vida acadêmica e para meu futuro como artista, vou levar tudo isso para meus desenhos porque vou continuar produzindo mais e mais.

A exposição “O Mundo de Ana” foi uma experiência que eu vou guardar para sempre comigo porque foi gratificante para mim ver todo mundo passando pelo meu trabalho que fiz com muito carinho, principalmente as crianças, que me encheram de perguntas. Nunca tive uma oportunidade como essa, agora estou aqui no IFG e fiz a minha primeira exposição, mas vem outras depois! (Risos).

Fig. 19: Exposição O mundo de Ana.



Acervo da autora. 2025

Fig. 20: Exposição O mundo de Ana.



Acervo da autora. 2025

Tenho algumas referências para o meu processo de criação. Artistas que me inspiram que eu conheci durante a faculdade, como a Beatriz Milhazes, o trabalho dela me encantou. Acho que foi por causa das cores vibrantes e das formas, eu me identifico

com a arte dela. Por causa dos traços, acho que os traços da obra dela têm a ver com o meus, é um pouco abstrato como o meu desenho, e muito colorido também.

Fig. 21: Beleza Pura, 2006. Beatriz Milhazes, acrílica sobre tela. 199,50 cm x 400,50 cm



<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/93705-beleza-pura>

Também gosto muito da Tarsila do Amaral, por causa do colorido e dos traços dela. Gosto da liberdade também, ela não fazia o desenho assim como se fosse real, tudo certinho, era mais uma expressão das cores, como ela percebia as coisas. Eu acho que tenho um pouco das duas artistas dentro de mim, tem aquela presença feminina forte, acho que é isso, eu também tenho um pouco dessa presença feminina na minha arte. Tem gente que acha o meu desenho esquisito, porque acha que não tem sentido, é uma coisa maluca (risos), por isso eu me identifico com essas artistas, por causa da liberdade delas de criar cada uma do seu jeito. Vejam essa obra da Tarsila (figura 22), ela não desenha a natureza como a gente vê.

Fig. 22: O Lago, 1928. Tarsila do Amaral. óleo sobre tela, c.i.d. 75,50 cm x 93,00 cm



<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82336-o-lago>

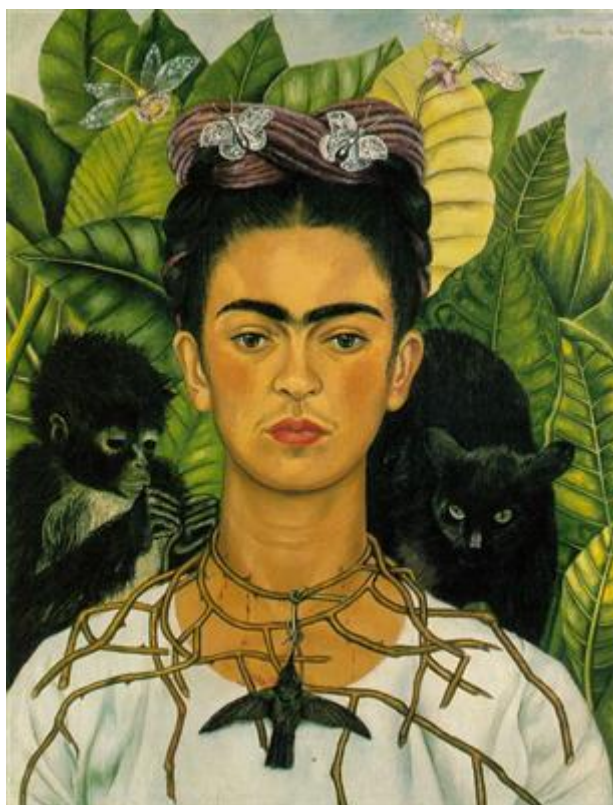
Antes de entrar na Licenciatura em Artes Visuais eu tive uma experiência de criação artística na Belas Artes (Escola de Belas Artes Veiga Valle). Foi ótimo porque fiz vários desenhos no caderno, depois eu passei para o papel *canson* e comecei a desenhar e pintar com tinta aquarela. A metodologia de criação artística na Belas Artes era mais voltada para o modelo, a gente podia fazer a nossa própria criação, mas sempre tinha um desenho que a gente copiava, ficava no modelo não soltava tanto. Na Licenciatura em Artes é diferente porque aqui a gente pode expressar todo sentimento no desenho. Eu mudei muito a minha forma de desenhar, eu mudei a minha arte.

Tem outra artista que eu conheci dela também, a Frida Kahlo. Ela pintava, mas ela não pintava coisas ‘fofas’ e bonitas não, ela contava a história dela de muito sofrimento porque foi uma criança que passou por muitas coisas, ela sofreu várias doenças, não lembro o nome da doença (poliomielite) que deixou sequelas na perna, além disso ela sofreu um acidente de ônibus que deixou ela na cama, sem poder andar. Tinha muitas dores por causa das sequelas, que não davam paz para ela. Frida fez várias cirurgias, mais de trinta cirurgias. Ela ganhou de mim, porque eu fiz oito cirurgias! (Risos). Ela ficou muito tempo no hospital e depois que foi para casa, o pai dela montou

um quarto personalizado porque ela não podia se levantar nem se locomover, e como gostava muito de pintar, ela deu um jeito de adaptar para ela continuar pintando.

A obra da Frida representa muitas coisas que ela passou, como o aborto que ela teve, o aborto do único filho. Tem uma obra que representa isso, ela está nua em cima de uma cama toda cheia de sangue e com tristeza no olhar. Mas também tem um autorretrato dela que eu acho muito interessante.

Fig. 23: Autorretrato com colar de espinhos. Frida Kahlo. Óleo s/ tela. 1940



<https://www.wikiart.org/pt/frida-kahlo>

Nesse autorretrato ela está em um lugar tranquilo, no meio da floresta, mas tem um colar de espinhos no pescoço que parece que está machucando, parece que ela está sofrendo porque tem um olhar de cansaço. Tem um macaco atrás dela, sempre aparecem macacos na obra dela, eles representam os filhos que ela perdeu. Mas o tigre (uma pantera negra) representa a força que nós mulheres temos para conquistar nosso espaço no mundo, é um símbolo de coragem e determinação.

Eu me identifico com a obra dela porque me faz lembrar o sofrimento que algumas mulheres passam quando tem um aborto, inclusive a minha mãe teve um aborto antes de ter eu e meu irmão. A obra dela mexeu um pouco comigo porque me fez perceber que

não precisa necessariamente estar andando para poder fazer arte, você estando parada ou estando debilitada você também pode pintar.

A artista Maria Goreth deu uma entrevista no Balanço Geral da TV Record. Ela é uma artista deficiente que não tem movimento do pescoço para baixo, ela diz que já nasceu com dom e pinta com os pés e a boca. A arte dela é mais para o lado sensível, ela gosta de pintar paisagens, flores, natureza e essas coisas bonitas. Quando ela vai pintar uma obra grande ela prefere pintar com os pés, ela coloca a tela no chão e começa a pintar detalhe por detalhe.

Fig. 24: Rosas. Goreth Chagas. Com a boca e com o pé. Acrílica e aquarela. s/d



Fonte: <https://apbp.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Goret-2.jpg>

Também tive a oportunidade de conhecer a pesquisadora Ana Amália Barbosa. Ela sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral) que deixa a pessoa sem movimentos, mas depende do grau, se é mais grave ou não. No caso da Ana Amália ela ficou sem movimentos do pescoço para baixo e também não pode falar. Ela não desistiu de escrever e passou a usar o queixo para manusear o *mouse* do computador, assim continuou a ser uma pesquisadora que escreve sobre Arte/Educação e acabou sendo uma referência no

Brasil, para mim ela é uma referência como pesquisadora, porque eu estou fazendo meu TCC e isso é uma pesquisa né? (Risos).

Ana Amália também conseguiu defender a tese de doutorado e hoje ela é uma das maiores pesquisadoras em arte Educação e pode ser uma referência para outras pessoas assim como eu. Eu me identifico com ela por ser uma pessoa com deficiência, só que a deficiência dela é mais grave que a minha um pouquinho, mas me identifico principalmente porque ela é uma mulher que chegou a escrever a tese dela do doutorado, e eu defendo o meu TCC na faculdade.

Fig. 25: Desenho de Ana Beatriz. Técnica mista sobre papel sulfite, 21x29,7cm.



Fonte: Acervo da autora. 2025

Esse desenho eu fiz para a finalização do meu TCC, e também do curso. Todo mundo sabe que gosto de flores, então eu quis fazer uma coisa que representasse o meu trajeto até aqui. Os meus desenhos representam cada passo que eu dei até aqui e esse particularmente é um que fiz para finalizar, não é que eu vá parar de desenhar, parar de

escrever, claro que não, mas na faculdade encerra mais um passo importante que eu dei na minha vida e é uma coisa que eu jamais achava que ia acontecer comigo. Mas aqui estou eu, quatro anos já se foram! (Risos).

Teve momentos na faculdade não tão felizes, tive vontade de desistir na metade do caminho, mas a minha persistência e a minha força de vontade fizeram com que eu não desistisse. Fiquei me perguntando se isso era realmente para mim, se eu tinha conseguido passar no processo seletivo ou era uma miragem e que eu estava em casa ainda, sonhando, porque esse projeto de faculdade era um sonho distante para mim. Tiveram pessoas que me disseram que eu ia conseguir, que me incentivaram, mas outras nem tanto, outras fizeram questão de me deixar ‘lá no chão’, mas dentro da faculdade encontrei pessoas que me ajudaram nesse caminho, os meninos e as meninas que me auxiliaram e o apoio dos professores que me incentivaram demais, e das pessoas de casa, meus irmãos e minha mãe, às vezes que eu ficava nervosa e estressada com as tarefas que vinham chegando.

Só depois do quarto período que as coisas mudaram (a autora se refere à chegada da orientadora educacional e da professora especialista em educação especial que foram contratadas para acompanhar seu processo de aprendizagem e, no caso da primeira, dar apoio na locomoção e na mediação pedagógica durante as aulas. Antes do quarto período do curso, houve contratação de uma orientadora educacional, porém, o processo de adaptação não aconteceu da forma esperada). (Além disso), duas pessoas em especial não me deixaram desistir (o pai) porque ele sempre falava “você vai conseguir, eu acredito em você”, e a minha mãe, que acreditou em mim e hoje eu estou finalizando a faculdade, quase me despedindo dela (risos).

Espero que este trabalho chegue para outros professores, também de outras universidades como aquela que me fez um convite e estou até agora sem reação! (A autora se refere a um convite feito por um professor da Universidade Federal de Jataí - UFJ para que ela fizesse uma fala no curso de pedagogia, em uma aula que tratou do tema da inclusão. Esse convite a deixou bastante emocionada).

Espero que chegue para mais professores, mais pessoas com deficiência de outros lugares, quero que entendam que não é porque a gente tem uma deficiência que não pode fazer as coisas, que a gente pode fazer faculdade sim, trabalho de pesquisa e outras coisas, e não é porque a gente tem deficiência que a gente não pode fazer arte.

Sobre meu processo de criação, ele já vinha acontecendo muito além da pesquisa, apesar que eu não estava na faculdade, eu estava criando, mas a faculdade foi um impulso

a mais para mim, um motivo para escrever e para fazer arte. Este trabalho me deu um impulso muito grande para desenhar, porque ganhei mais um motivo apesar que eu já desenhava antes, mas eu desenhava na esperança de que alguém pudesse ver e pudesse se interessar pelos meus desenhos, porque quando eu estou desenhando estou trabalhando né? (Risos)

Falar de meu processo de criação foi um momento muito significativo para mim porque é um processo que vem de dentro, em cada desenho que crio eu coloco uma parte de mim e da minha história de vida. Vamos confessar que não é nada fácil falar sobre mim, a minha história de vida com tantas dificuldades, mas tantas alegrias que tive ao longo desse processo. Mas foi muito significativo ver o meu processo de criação sendo escrito por mim e poder ser visto por outras pessoas que ainda verão o meu trabalho.

Minhas palavras finais

Este trabalho foi construído como narrativa autobiográfica onde eu começo contando a história da minha vida, a história da minha infância. Comecei contando sobre mim, depois passei para os meus trabalhos de desenho. Fiz também uma pesquisa sobre outros artistas com deficiência, porque quis conhecer outros trabalhos para não ficar só a minha experiência, essa troca de conhecimento e de experiências eu creio que foi muito rica para o meu trabalho.

Quis também mostrar um pouco da história de pessoas que têm deficiência, seja física ou intelectual, (mostrando que elas) têm direito a fazer as coisas, direito a trabalhar, estudar, fazer arte e até mesmo dar palestra. Elas não são doentes, a gente não é doente.

Entendi que já conquistamos muitos direitos, direito de ir e vir, direito de pegar o ônibus, direito de ter professores para ensinar na escola e orientadores educacionais para dar apoio, porque não é fácil a pessoa com deficiência ficar sozinha, é muito importante o direito de ter uma acompanhante para ajudar, até porque se não tiver não sei o que que acontece.

A primeira viagem que eu fiz com a faculdade de licenciatura em artes visuais foi pra Ouro Preto, mas lá não tinha acessibilidade nenhuma, acessibilidade zero! (Risos). Eu tive dificuldades para visitar as igrejas porque a maioria delas não é acessível, mas isso não foi um problema porque tive pessoas para me ajudar e tive a minha tia me acompanhando (a tia acompanhou a viagem com anuência da instituição) porque na primeira vez que fui viajar eu não tinha orientadora educacional.

Na viagem a São Paulo ‘a coisa já mudou de figura’ (risos) porque os museus de lá eram totalmente acessíveis e eu já tinha orientadora educacional que estava comigo e os colegas que não me deixaram nunca, foi uma boa viagem. Tanto a de São Paulo como de Ouro Preto foram viagens de enriquecimento e de conhecimento para mim.

Deixo aqui um ‘recado’ que mesmo com deficiência ou com a dificuldade que você tenha, não desista de estudar e daquilo que você quer porque aquilo que você quer pode te levar a lugares que você nem imagina. Tem uma frase que meu pai sempre dizia: ‘Podem tomar tudo de você, mas o estudo ninguém toma’!

Eu acredito que através do estudo você consegue recuperar o que você perdeu ou às vezes até mais.

6. Referências Bibliográficas

BELEZA Pura. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura. Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/93705-beleza-pura>. Acesso em: 21 de novembro de 2025. Verbetes da Enciclopédia.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação. (Orgs.) Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.

MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: ed. UFSM, 2017.

DUARTE JR., João-Francisco. Por que Arte-Educação. 1994.

JOSSO, M.-C. Experiências de vida e formação. Trad. Cássia Maria Rodrigues da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2004.

O Lago. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82336-o-lago>. Acesso em: 21 de novembro de 2025. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. *O gesto inacabado*: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP Annablume, 2004.

SOMERA, Nicole. O artista com deficiência no Brasil: arte, inclusão social e campo artístico. 2008. 166 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: . Acesso em: 12 ago. 2018. | <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284706>